

250

**Universidade do Estado da Bahia – Uneb**

**Departamento de Ciência Humanas – Campus IV**

**Curso de Especialização em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa**

**Dificuldades na Produção Escrita na Alfabetização da Educação Infantil.**

**Selma Rocha de Oliveira**

agosto de 2004

## Dificuldades na Produção Escrita na Alfabetização da Educação Infantil

“ Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia – UNEB, como exigência parcial do Curso de Especialização em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa, oferecido pelo Colegiado de Letras do Departamento de Ciências Humanas, do Campus IV: UNEB – Jacobina.”

## SUMÁRIO

I- Introdução .....	03
II- Fundamentação Teórica .....	06
III- Metodologia .....	13
IV- Análise de dados .....	15
V- Considerações finais .....	24
Referências Bibliográficas .....	30
Bibliografia consultada.....	31
ANEXOS .....	32

## INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem por finalidade aprofundar nossos estudos para buscar levantar causas que possam determinar as principais dificuldades de escrita, nas classes de alfabetização das crianças de 0 a 6 anos em Fedegosos.

Minhas observações como educadora no dia-a-dia acerca do processo educativo em Fedegosos levou a detectar uma grande distorção nas classes de alfabetização de crianças, através de deficiência na capacidade de aprendizagem, no acompanhamento do sistema alfabético, no desenvolvimento de suas atividades cognitivas em nossas escolas, bem como a distorção idade/série.

O apoio, atenção/ intervenção educativo aos alunos com dificuldades de aprendizagem devem ser dadas, de preferência e de modo especial, durante toda a aula em que esses alunos freqüentam, priorizando um modelo de educação que respeite a diversidade e os tempos de aprendizagem do educando.

O fato de alguns educadores não conduzirem o processo da aquisição da escrita de seus alunos de forma produtiva priorizando o **alfabetizar letrando**<sup>1</sup>, traz sérias conseqüências para o futuro destes, que terão dificuldades em continuar exercendo suas atividades escolares e, serão fortes candidatos à evasão escolar, a qual muito tem acontecido nos últimos anos em nossas escolas e preocupando a nós professores.

Por não estar restrito aos problemas da alfabetização ou do ensino de línguas, o processo de letramento, ou seja, da apropriação da linguagem escrita como ferramenta do pensamento e comunicação, pode ser tomado como vetor principal do currículo de toda educação básica.

**1- Alfabetizar letrando e, segundo Magda Soares(1999) ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, do modo que o indivíduo se torne, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado.**

Ao evidenciar que não é a aprendizagem da linguagem escrita em si que transforma as pessoas, mas sem os usos que elas fazem desse instrumento, os estudos sobre o letramento abrem novas perspectivas para a reflexão crítica sobre o papel da escola, e também para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que respondam com mais eficiência as demandas relativas ao letramento.

Um dos objetivos ausente dos programas de alfabetização de crianças é o de compreender as funções da língua escrita na sociedade. As crianças que crescem em famílias onde há pessoas alfabetizadas e onde ler e escrever são atividades cotidianas, recebem esta informação através da participação em meios sociais onde a língua escrita sempre funciona.

Na maioria das escolas se apresenta a escrita como um objeto em si, importante dentro da escola, já que regula a promoção no ano escolar seguinte.

As crianças são facilmente alfabetizáveis desde que desaceleram, através de contextos sociais funcionais, que a escrita é um objeto interessante que merece ser reconhecido.

O conhecimento da escrita pela criança se dá a partir do contexto entre esta criança e os objetos escritos. A aprendizagem é um processo de apropriação do conhecimento que só é possível com o pensar e / ou agir do sujeito sobre o objeto que ele quer conhecer.

Ler e escrever são instrumentos poderosos e importantes em nossa vida e são tradicionalmente funções da escola ensinar. São, também, muito complexas, a julgar pelas dificuldades encontradas em nossos alunos. No meu estudo, a minha inquietação, são essas dificuldades, ou seja, o que causam as mesmas?

Ensinar as crianças a ler, escrever e a se expressarem de maneira “correta” é o grande desafio dos professores das quatro primeiras séries do ensino fundamental e, isso acontece de forma prática e coerente, quando essas crianças contam com uma boa alfabetização que é à base da aprendizagem. Ao tratarmos de alfabetização, referimo-nos a um processo de

contínua descoberta, reconhecimento, relacionamento e interpretação do universo da língua escrita.

O processo de alfabetização se identifica com a própria comunicação. A criança para aprender a fala formula hipóteses, interage com quem está a sua volta e, aprende a falar. Na alfabetização a criança também deve atuar como sujeito ativo do processo de aquisição da língua escrita. Será um ser ativo na aprendizagem da leitura e escrita, mediante a interação com o meio ambiente, com o outro e consigo mesmo.

Em busca de um trabalho significativo, este fundamentou-se em teorias como: Luiz Carlos Cagliari (1999), Emília Ferreiro (1992), Mary Kato (1999), Magda Soares (1998), Miriam Lemle (1998), Lluís Maruny Curto (2000), apoiou-se também em outros autores que com suas obras muito contribuíram para o tema em estudo como: José Juvêncio Barbosa (1995), Marlene Carvalho (1999), Beatriz Citelli (2001), Wanderley Geraldi (1999) que, com obras importantíssimas me ajudaram a desenvolver esse trabalho com êxito e segurança.

É de fundamental importância que, antes de assumir uma classe de alfabetização, o professor, principalmente aquele que não tem conhecimento algum do processo, reveja com cuidado quais os objetivos da alfabetização inicial e, desenvolva a partir daí o processo seguindo seus critérios mais direcionados e não aleatoriamente como às vezes acontece.

A linguagem escrita é um processo difícil para a criança, mas não mais difícil que outros processos de aquisição do conhecimento. É um processo que exige acesso à informação socialmente veiculada, já que muitas das propriedades da língua escrita só se pode descobrir através de outros informantes e da participação em atos sociais onde a escrita sirva para fins específicos.

Portanto, a escrita lhes apresenta desafios intelectuais, problemas que terão que resolver, precisamente para chegar a entender quais são as regras da construção internas do sistema lingüístico.

### **Fundamentação Teórica**

Com base nos estudos realizados das teóricas, Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (1999), compreendemos que ler e escrever continuam sendo tarefa especificamente escolar. Elas trazem na sua obra *Psicogênese da Língua Escrita* uma discussão significativa sobre o fracasso das crianças nos primeiros passos da alfabetização, é daí que surge a defasagem idade /série, problema que ultimamente vem sendo comum em quase todas as classes do ensino fundamental das escolas públicas.

São notáveis as grandes alterações ou transformações pelas quais vem passando a escrita, ou seja, as diversas formas de representação gráfica.

A teoria piagetiana, por exemplo, permite introduzir a escrita enquanto objeto do conhecimento, e o sujeito da aprendizagem, como sujeito cognoscente, enquanto que o autor Luiz Cagliari diz que, não tratando adequadamente a escrita e a fala na alfabetização a escola encontrará dificuldades sérias para lidar com a leitura. Concordo com o autor, uma vez que a leitura na sua função mais básica, nada mais é, do que a realização do objeto de quem escreve. A compreensão da natureza da escrita, de suas funções e usos, é indispensável ao processo de alfabetização, pois esse é na verdade um período muito especial. A alfabetização não se esgota nas séries iniciais, é um processo contínuo que se estende por quase toda uma vida escolar de uma pessoa.

Ler e escrever massiva e superficialmente tem sido a questão dramática da escola. É que a sociedade vê a escola como espaço privilegiado para o desenvolvimento da escrita e da leitura, já que nela que se dá o encontro decisivo entre criança/leitura/escrita.

A escrita seja ela qual for, tem como objetivo primeiro permitir a leitura. A leitura é uma interpretação da escrita que consiste em traduzir os símbolos escritos em fala. A escrita

tem também como objetivo, o fato de alguém ler o que está escrito, não apenas decodificando, mas construindo sentido.

Neste sentido, a oralidade, a leitura e a escrita, são na verdade os três pilares básicos da alfabetização em Língua Portuguesa, e devem ser trabalhados paralelamente, ou seja, num continuum, não isolando nenhuma habilidade da outra.

O objetivo primeiro da escola é o ensino da leitura e da escrita. A criança começa a freqüentar a escola para aprender a ler e a escrever. Entretanto, esse processo só acontece numa etapa adequada e própria da evolução infantil.

Ao mediatizar a relação criança/Língua Portuguesa é importante que o professor subsidie a aquisição de competências de linguagem cada vez mais abrangentes a fim de possibilitar-lhe uma participação significativa e plena no mundo letrado. A língua em suas modalidades oral e escrita manifesta-se concretamente em situações comunicativas. A alfabetização é elemento significativo do processo de letramento, sem o qual não será possível decifrar qualquer texto.

Por compreendermos a alfabetização como parte de um processo mais amplo de letramento, sabemos que os conhecimentos sobre a língua e a linguagem, são construídos muito antes do início de reflexão acerca do sistema propriamente.

A criança desde cedo aprende a falar e a dominar a língua materna, utilizando-a para se comunicar. Ela adquire a linguagem a partir da interação com o adulto, tornando-a mais rica e fluente à medida que é ampla a interação social.

A linguagem é um fato social e sobrevive graças às convenções sociais que são admitidas para ela. As pessoas falam de maneira como seus semelhantes e por isso se entendem.



A pedagogia da alfabetização tem disponíveis até hoje dois caminhos: o método sintético e o método analítico. Ambos visam levar a criança à compreensão da existência de uma correspondência entre os signos da língua escrita e os sons da língua oral.

Segundo, Mary Kato (1999), o insucesso escolar é analisado principalmente em termos de desempenho da criança na produção da escrita. Conforme afirma a autora, na situação escolar existem relações muito rígidas e definidas. O aluno é obrigado a escrever dentro de padrões previamente estipulados e, além disso, a sua escrita será julgada, avaliada pelo professor a quem sua escrita será remetida.

Não podemos considerar a escrita como produto exclusivo da escola, independente da vida e da prática social, já que ela representa todo o esforço da humanidade para representar e legitimar a linguagem.

Hoje a escrita tem diversos usos, está presente na maior parte de nossas atividades do cotidiano e dela lançamos mão para dar conta da grande parte de nossas ações (Barbosa, (1995: 114).

A alfabetização é um momento crucial na história educacional de toda pessoa. Dois conceitos fundamentais precisam ser compreendidos nesse momento: o código alfabético e a linguagem.

Compreender o código alfabético significa compreender a técnica pela qual damos representação escrita às unidades da nossa língua. Compreender o que é a linguagem significa tomar consciência da interface entre o pensamento e a fala, que nos permite expressar os conteúdos da nossa mente.

Compreender a escrita como um sistema de representação que mediatize a ação do homem no mundo e que, portanto, é produzido nas diferentes práticas sociais ao longo da

história e de fundamental importância para o educador que assume a função de ensinar, promover a aprendizagem desse objeto do conhecimento.

Ensinar e aprender a língua escrita, portanto, envolve não somente aspectos conceituais do sistema, incluindo também aspectos comportamentais que articulam o conhecimento com o saber fazer.

Como afirma a teórica Mirim Lemle (1999), que na prática escolar da alfabetização, há uma questão polêmica ligada ao fato de que a escrita contém na verdade, dois níveis de representação simbólica: o dos conceitos através dos sons e a representação dos sons através das letras.

Só se adquire o específico da linguagem escrita em contexto com atividades referentes de uso social e refletindo acerca dessas atividades.

Um aspecto sobre o qual é questionado é o sentido da linguagem escrita que é usada na escola. A concepção de que o primeiro é a aprendizagem das letras, (decifrar e transcrever), retarda, de fato até muito tarde o manejo de textos, inclusive nas séries iniciais do ensino fundamental, a maioria das tarefas propostas às crianças são as escritas de palavras ou frases convencionais. As leituras são restritas unicamente aos textos escolares.

Deve-se trabalhar integradamente as várias atividades no uso da língua, ou seja, a produção escrita, a leitura e a compreensão. Este aspecto tem a ver com o tratamento dado à língua, principalmente nos exercícios propostos aos alunos em sala de aula.

O papel do professor é de promover oportunidades de escrita desvinculadas de ansiedades geradas pelo erro. Este deve ser encarado como um dos indícios das concepções infantis da escrita. Portanto, não há erro, o que existe é a utilização de uma hipótese de escrita que não é convencional.

Segundo, Sueli Rocha (2003), alfabetização é um processo de apropriação dos mecanismos de leitura e escrita.

Antes de ensinar a escrever é preciso saber o que os alunos esperam da escrita, quais julgam ser sua utilidade, a partir daí, programar as atividades adequadamente.

A escrita deve ter como objetivo essencial o fato de alguém ler o que está escrito. A motivação da escrita é sua própria razão de ser.

A escrita para ser lida por outra pessoa, é apresentada geralmente em caracteres que facilitam a leitura. Caligrafia sempre foi uma arte que até a mais avançadas tecnologia não despreza.

A escrita é fato histórico e deve ser trabalhado como tal e não como um bem natural.

Na sociedade atual, tanto a oralidade quanto a escrita são imprescindíveis ao ser humano que se insere na cultura letrada, trata-se pois, de não confundir seus papéis e seus contextos de uso.

A linguagem escrita exige treino constante, maior concentração e domínio de extenso vocabulário. Para chegar a transmitir aquilo que se pensa pelo menos com aproximação, há necessidade de ler, pensar e escrever, escrever, pensar e ler.

A leitura é uma atividade ligada essencialmente à escrita, e como há vários tipos de escrita, assim também há os variados tipos de leitura, uma escrita ortográfica admite uma boa leitura com todas as possibilidades de variação do dialeto que a língua oferece.

Escrever e ler são duas atividades de fundamental importância na alfabetização que se conduzem paralelamente e é necessário que nesse período a escola dê maior ênfase e valor a ambos.

Segundo os PCN's Português, ensino fundamental (v2:p.36) "Não se forma bons leitores oferecendo materiais de leitura empobrecidos, justamente no momento em que as crianças são iniciadas no mundo da escrita."

Na maioria das famílias pobres, os atos de leitura e escrita são raros ou inexistentes, sejam porque as pessoas não aprendem a ler, ou porque suas condições de vida e de trabalho não exigiram, freqüentemente, o uso da língua escrita e então da leitura.

Freire (1994: p.31) afirma que, o problema que se coloca não é o da leitura de palavras, mas o de uma leitura de mundo, que sempre precede a leitura de palavras.

A concepção de letramento é importante para a alfabetização e o professor de língua materna, porque ela permite ampliar a visão da escrita, permite também incorporar no ensino a visão de outras práticas além das do domínio individual do alfabeto, da ortografia e outras agências, além da escola, envolvidas tanto na aquisição como no uso da escrita.

A escolarização da escrita é praticamente inevitável, uma vez que a escola é a agência de letramento mais importante na sociedade.

A mesma relação que enlaça a linguagem escrita com a falada une a escrita ao desenho, que é também essencialmente um meio de expressão e de comunicação.

Quando se fala de letramento, refere-se ao conjunto de práticas sociais e culturalmente determinadas de uso da escrita.

Essas práticas se diferem de acordo à instituição onde elas acontecem.

A escrita não pode ser tida como uma representação da fala, porque ela não consegue reproduzirem muitos dos fenômenos da oralidade. A oralidade e a escrita são práticas e usos da linguagem características próprias.

Quanto à presença da escrita, pode-se dizer que, mesmo criada pelo homem tardiamente em relação ao surgimento da oralidade, ela permeia hoje quase todas as práticas sociais. A escrita é usada em contextos sociais básicos da vida cotidiana em paralelo direto com a oralidade.

Na sociedade atual, tanto a oralidade quanto a escrita são considerados imprescindíveis, basta saber diferenciá-las.

A língua seja na sua modalidade falada ou escrita, reflete, em boa medida, a organização da sociedade, pois ela é uma boa parte da cultura e a cultura é um dado que torna o ser humano especial no contexto dos seres vivos.

As relações entre fala e escrita, não são óbvias nem lineares, pois elas refletem num constante dinamismo fundado no continuum que se manifesta entre essas duas modalidades de uso da língua.

A escrita, por sua vez, pelo fato de ser pautada pelo padrão, não é estigmatizada e não serve como fator de identidade individual ou grupal.

O curioso é que, no geral, quem se dedica aos estudos da relação entre a língua falada e a língua escrita, sempre trabalha o texto falado e raramente analisa a língua escrita.

Compreender a escrita como um sistema de representação que mediatize a ação do homem no mundo e que, portanto, é produzido nas diferentes práticas sociais ao longo da história, é de fundamental importância para o educador que assume a função de ensinar – promover a aprendizagem deste objeto do conhecimento.

A escrita não é um produto escolar, mas sim um objeto cultural, resultado do esforço da humanidade. Como objeto cultural, a escrita cumpre diversas funções sociais e tem meios concretos de existências. O escrito aparece, para a criança, como objetos como propriedades específicas e como suporte de ações e intercâmbios sociais, as propriedades dos sistemas são descobertas através de um prolongado processo construtivo.

## Metodologia

Para a realização desse trabalho foram escolhidas duas classes de alfabetização de crianças, na Escola Municipal Joaquim Valois em Fedegosos, zona rural no município de Morro do Chapéu, nos turnos matutino e vespertino, contendo em média 24 alunos por turma todos na faixa etária de 5 e meio a 6 anos de idade, na qual a clientela, na sua maioria é de baixa renda.

Esse trabalho foi desenvolvido com ênfase em atividades dirigidas de leitura e escrita, e principalmente escrita que é o enfoque do tema, escrita de palavras, frases e até pequenos textos, atividades como, o texto lacunado, texto fatiado, enigmático, bingo de palavras, ditado mudo, a cruzadinha, entre outras.

A realização deste, se deu também por uma observação ou análise qualitativa participativa que permite ao pesquisador um contato direto com a realidade, o espaço pesquisado e o sujeito observado, dando-nos assim, oportunidades para analisar in lócus o problema em estudo, ou seja, as dificuldades de aquisição da escrita desses alunos, ou melhor dizendo, as causas dessas dificuldades.

Foram aplicados também, questionários aos professores dessas devidas turmas, foram feitas entrevistas aos professores e a alguns alunos, para que assim pudéssemos absorver informações precisas mais diretamente.

Considerando o grau de escolaridade desses alunos e, partindo dessa situação, observou-se de perto as dificuldades de aprendizagem ou apropriação da escrita em que se encontram esses alunos, no que diz respeito à aquisição da linguagem escrita.

Nossa intenção ao pesquisar nessas turmas, foi o de verificar de que forma era trabalhada a questão da escrita e também se essa forma atendia as necessidades dos alunos, diante das dificuldades em que estes se encontram, pois o que se sabe é que muitos

professores não têm conhecimentos a respeito das teorias direcionadas ao processo de alfabetização, o qual abrange simultaneamente a leitura e a escrita.

## Análise de dados

Com base nos dados coletados, observou-se características comuns entre os professores observados, quanto às suas posturas e conhecimentos enquanto professores alfabetizadores.

Os dois professores envolvidos na pesquisa foram observados em suas aulas por um tempo mais ou menos de oito vezes, para que se pudesse observar como estavam sendo desenvolvidas as práticas e as diferentes atividades aplicadas aos alunos nessas aulas.

Considerando na análise, o tempo de experiência em classes de alfabetização, verificou-se que ambos atuam há pouco tempo e que, por conta disso não têm um conhecimento mais profundo nessa área, tornando assim mais difícil o desenvolvimento de seus trabalhos.

Todos os questionários foram respondidos pelos professores. E quanto ao questionário, "**o que é estar alfabetizado**", obteve-se dos mesmos que:

Consiste em ler pequenas palavras reconhecendo as sílabas e fazer seu nome completo e que, para estar alfabetizado é preciso ler e escrever, não corretamente.

Percebe-se nesta análise que estes professores se limitam apenas ao ato de ler e escrever sem valorizá-las socialmente, esquecendo de fato seu valor social, o valor das práticas de leitura e de escrita, não basta só saber fazer, é preciso praticá-las. O primeiro requisito para a alfabetização é que a criança tenha um desempenho oral normal para sua idade. É o pré-requisito do desempenho lingüístico.

Discuti-se ainda sobre, **o que é alfabetizar**?

Em suas concepções, é dar ao aluno a oportunidade de aprender a ler e escrever é trabalhar em direção da aprendizagem da leitura e da escrita.

Como afirma Magda Soares (1998) alfabetizar é fazer o uso socialmente da leitura e da escrita praticando as duas modalidades.



Isso quer dizer que, não basta só saber fazer, sem praticá-las, o que é mais fundamental. Esses professores ainda estão em pouco ausente da realidade e das mudanças que sempre surgem no sistema educativo.

Em relação aos **métodos**, questionou-se qual seria o mais adequado e qual seria aplicados por eles, afirmam que.

Um método simples e objetivo que desperte no aluno o prazer em saber ler e escrever e tornar melhor a alfabetização, o método tradicional por ser mais fácil para o aluno aprender.

Mas, que métodos são esses que não explicam? Como que o tradicional é mais fácil? O que justifica?

Simplesmente, o tradicional é menos trabalho, não exige tanta criatividade, mas não estimula o aluno a nada. Nota-se com isso que esses professores não têm um certo conhecimento sobre métodos.

Para muitos professores não há tradicionalismo, construtivismo, método sintético, é definido apenas como um conjunto de materiais, técnicas e procedimentos para se atingir um fim, um conjunto programado de atividades para o professor e o aluno.

Contudo, qualquer método para ser eficaz, deve ter a ele subjacentes hipóteses claras sobre a natureza do objeto a ser apreendido e sobre a natureza da aprendizagem desse objeto.

Outro questionamento feito foi sobre o que entendem por **alfabetizar letrando**.

As afirmações foram de que pouco entendem do assunto e que, portanto, acham que seja o aluno aprender a ler e escrever bem, e que seja uma forma de aprendizagem para os alunos.

Como pode um professor assumir uma classe de alfabetização sem ter conhecimento algum sobre o assunto? Que incentivo pode dar para os alunos? Como encaminhá-los no processo?

Quando uma criança aprende a falar e a escrever, ela começa a dominar um sistema lingüístico. Depois de alfabetizada, a criança prossegue o aprendizado da escrita e da leitura, seu processo de letramento. Pelo visto esses professores sabem bem pouco a respeito dessa questão.

Questionou-se com eles sobre as dificuldades dos alunos no processo da escrita, afirmaram que:

- na coordenação;
- na organização;
- não verem a palavra a ser escrita;
- trocam ou esquecem letras;
- não conseguem agrupar muitas sílabas.

Sobre essas dificuldades dos alunos, o que causam as mesmas?

- a escrita de palavras que não sejam como pronuncia;
- a escrita correta;
- palavras longas ou que tem muitas letras.

Ao perguntar, como os alunos desenvolvem a escrita, afirmaram.

- por meio de atividades escritas no quadro e os alunos copiam no caderno, atividades mimeografadas;
- bingo de palavras;
- ditado mudo;
- texto lacunado e enigmático;
- cruzadinha, entre outras.;

Mas afirmam que essas atividades os alunos só conseguem responder se as palavras a serem escritas estiverem à vista principalmente palavras grandes, e ainda com a ajuda do professor.

É importante que o professor planeje desde o início do processo de aprendizagem da escrita, atividades oportunas às crianças de interagirem com grande variedade de escritas sociais.

Ficou bem claro pelos professores na entrevista que, pelo pouco tempo de experiência no trabalho, já deu para perceberem muitas dificuldades dos alunos na aprendizagem, e também que a escola não oferece aos professores um melhor conhecimento para que possam ensinar com mais segurança. Esclarecendo que o ensino da escrita deve ser feito com formas ou métodos mais objetivos e criativos, que possam estimular os alunos.

Os alunos enfrentam dificuldades na leitura e escrita, muitos ainda não conseguem diferenciar um som de uma letra para outra por conta de os professores não estarem familiarizados com os métodos e não conseguem diferenciá-los de metodologia.

Em uma das observações feitas em sala de aula, quando estava sendo aplicada uma atividade sobre separação de sílabas, o aluno fazia lentamente a leitura mas, não conseguia escrevê-la completa lendo só por uma vez, estando assim no processo de memória rasa, alguns escrevem sílaba por sílaba um processo muito lento.

Em atividades de pequenos textos, depois de escrito no quadro, o professor distribui cópias mimeografadas, faz a leitura coletiva, em seguida cada criança vai lendo aos poucos o texto completo e, com a ajuda dos professores vai completando as lacunas, conforme a aprendizagem de cada um.

O texto enigmático também é trabalhado lentamente, eles lêem com o professor e descobrem pelo desenho que palavra irão escrever, se for palavra pequena, conhecida ou fácil, que faça parte do seu acervo lingüístico eles conseguem escrevê-la, do contrário, só com a ajuda do professor.

Questionou-se também, como ajudam seus alunos a superarem essas dificuldades.

Então, com atividades de reforço, atividades com palavras trabalhadas anteriormente, que mais acharam difícil.

A escola ensina palavras isoladas e frases sem sentido e não trabalha com as crianças, no ano escolar de alfabetização, o fluir dos significados, a estruturação do discurso interno pela escrita.

O que os professores ensinam quando soletra para e com a criança alguma coisa que a criança pede:

Eles vão apontando e nomeando as letras como instrumental necessário para se dizer às coisas por escrito, eles trabalham o funcionamento da escrita, ensinando os aspectos mecânicos e estruturais da escrita. A criança aprende a escrever e, revela isso quando tenta escrever sozinha, vencendo barreiras.

Quando os professores soletram as palavras e mostram as letras do alfabeto, eles estão apontando momentos do conhecimento para as crianças e, indicando uma forma de organização desse conhecimento. Quando a criança fala, pergunta ou escreve, é ela quem aponta para a professora o seu modo de perceber e relacionar o mundo. Nessa relação, o conhecimento se constrói.

Podemos dizer que os professores usam um método de alfabetização que se baseia na apresentação e fixação de cada vogal com as consoantes simples, acrescentando aos poucos, os conjuntos consonantais e as consideradas dificuldades.

De fato, a escrita é uma linguagem que precisa ser ensinada e, no caso de alunos com dificuldades deve ser ensinada com maior cuidado, orientando-os passo a passo, como procede as regras do sistema, dando assim aos alunos uma melhor oportunidade de desenvolverem suas aptidões. Ler e escrever bem é indispensável para que se possa aprender sempre, ao longo de toda a vida. É por isso que a leitura e a escrita são decisivas, na formação do indivíduo.

Também foi questionado, como trabalhar os **erros ortográficos**? explicaram.

Com a reescrita das palavras erradas, escrevendo-as no quadro e lendo novamente com eles, em seguida pedir que voltem a escrevê-las.

Na verdade, não é uma forma errada de correção mas, o certo é que não existe erros, o que existe é o diferente. Os erros de ortografia revelam ao professor quais as hipóteses relativas à escrita construída pelo aluno.

“A língua portuguesa, como qualquer língua, tem o certo e o errado somente em relação à sua estrutura. Com relação a seu uso comunidades falantes, não existe o certo e o errado lingüisticamente, mas o diferente”

Cagliari (1999:35).

A escola muitas vezes procura a causa do insucesso do aluno em lugares errados. Em vez de atribuir-lhe uma deficiência, porque não investigar melhor, antes, que tipo de reflexão a criança está fazendo quando comete seus erros? Pode ser que ela tenha simplesmente feito uma escolha errada, dentro do conjunto de possibilidades que se usam normalmente.

Como pode a escola explicar adequadamente como a fala e a escrita funcionam se não dispuser de um instrumental para fazê-lo, de uma ferramenta própria à execução dessa tarefa?

A escrita ortográfica foi feita para ser lida da maneira como o leitor achar que deve fazê-lo, no seu dialeto caseiro, num estilo formal, no dialeto de região onde se encontra no momento.

Para a escola, infelizmente, a variação lingüística é vista como uma questão gramatical de certo ou errado.

Interrogou-se sobre qual a **importância da leitura e da escrita** para seus alunos?

Afirmaram que, é ter um conhecimento dessas habilidades, ser alfabetizado perante o meio em que vive.

Mas, será que importa só o conhecimento e ser alfabetizado? E só saber ler e escrever é estar alfabetizado? Será que ler e escrever implica só nisso?

A leitura não pode ser uma atividade secundária na sala de aula ou na vida, uma atividade para a qual o professor e a escola dedicam pouco tempo para retornar aos problemas da escrita.

O conhecimento dessas habilidades é de suma importância, e deve fazer parte indispensável da bagagem tanto do professor competente quanto do aluno. As modalidades de leitura e escrita, dependentes uma da outra, são fatores primordiais na vida do ser humano pois, torna o indivíduo ativo, reconhecido socialmente.

Um dos objetivos mais importantes da vida escolar é a aquisição das práticas das modalidades de leitura e escrita e tornar o indivíduo um verdadeiro usuário e falante de sua própria linguagem, empregando-a corretamente, conforme o sistema lingüístico.

Questionou-se revendo, **o que é avaliado na escrita** dos alunos, em torno das dificuldades os professores apontam que:

- os erros ortográficos;
- a organização das sílabas;
- a troca de letras, enfim.

Esse é um ponto importante que relega a um plano secundário a preocupação com a ortografia durante o primeiro ano escolar, é preciso ter cuidado e considerar como tal o processo como ocorre a ortografia em não confundir seu aluno. Uma série de dificuldades que a escola cria para a alfabetização poderá, assim, ser evitadas, esclarecendo também aos mesmos as regras e funções da escrita.

E quanto à sua posição em relação ao resultado da avaliação, afirmaram.

Trabalhar com atividades de reforço até que consigam aprender.

É certo que aplique atividades de reforço para obterem uma aprendizagem e superar as dificuldades, mas, com muita cautela para que não se prendam a atividades repetitivas, cansativas ou até mesmo mal elaboradas, é preciso que sejam atividades diferenciadas, criativas para vivenciar seu aluno, que a cada atividade desperte neles o entusiasmo, desenvolvendo suas capacidades. Em língua escrita todas as metodologias tradicionais castigam o aluno pelo erro, supondo que só se aprende através da reprodução escrita, que é melhor não ler nem escrever se não sabe evitar o erro. Com isso as crianças se inibem, não tentam ler nem escrever e, portanto, não aprendem ou, torna tardia sua aprendizagem.

Este é um desafio que os professores encontram, trabalhar para superar as dificuldades de seus alunos nesse processo, procurar um fio condutor que direcione melhor ou mais fácil à essa aprendizagem.

O grande problema nesse caso é que a escola ensina a escrever sem ensinar o que é escrever e para que escrever, joga com as crianças sem lhes dizer as regras do jogo.

Outra questão foi sobre, que atividades consideram importantes para a aprendizagem da leitura e da escrita?

São feitas atividades com formação de palavras ou pequenas frases, leitura de pequenos textos escritos no quadro e a escrita desse mesmo texto para o caderno.

Sabemos que **ensinar** e **aprender** são dois pólos importantes no processo educativo e que devem ser considerados durante toda uma vida escolar. A língua falada ou, a leitura, é viva, rica, comunicativa, coloquial, pois é acompanhada de sonoridade, expressão fisionômicas e de gesticulação. A linguagem escrita é sóbria e duradoura sendo representada por caracteres gráficos.

Não há pois como negar que a escrita, bem como a leitura, trouxeram imensas vantagens e consideráveis avanços para as sociedades que a adotaram.

Ao educador cabe, portanto, diagnosticar suas dificuldades, observando com clareza o desenvolvimento de seu aluno. Partindo daí, irá planejar, criar condições que dêem à seus alunos oportunidades para um processo de aprendizagem menos complexo, permitindo assim o seu desenvolvimento cognitivo. Os processos de construção sempre supõem reconstrução. A concepção desses alfabetizadores, resume-se em ler e escrever superficialmente, enquanto que deveria proceder de maneira a que levasse o aluno a ser construtivo tornando-os então dessa forma alfabetizados e letrados, prontos para prosseguirem sua vida estudantil, influenciados pelas experiências daqueles que lhes ensinaram.



## Considerações Finais

A alfabetização é sempre um aprendizado mediante ensino, e compreende o domínio ativo e sistemático das habilidades de ler e escrever há quem equipare a alfabetização com desenvolvimento, domínio ativo da escrita e da leitura.

A alfabetização não é apenas a simples habilidade de ler e escrever, mas uma habilidade que recebe aprovação social incentivada, com o status de virtude, de caráter normativo e prescrito.

No trabalho efetivo o professor deve desenvolver atividades escritas, buscando evidenciar como se estrutura a produção escrita, qual a sua unidade constitutiva, como ela deve ser tecida. Trata-se de trabalhar integradamente as várias atividades lingüísticas no uso da língua, ou seja, a produção escrita, a leitura e a compreensão. Este aspecto tem a ver com o tratamento dado à língua, principalmente nos exercícios propostos aos alunos em sala de aula.

É necessário que o professor organize sua aula com base nos escritos produzidos pelos alunos, analise-os e reveja. A teoria será divulgada a partir da prática, e ele, o aluno, será não um simples espectador, mas um participante das atividades lingüísticas desenvolvidas em classes.

Na situação escolar existem relações muito rígidas e bem definidas. O aluno é obrigado a escrever dentro de padrões previamente estipulados, e além disso, a sua escrita será avaliada e julgada.

O interesse das crianças não é algo aleatório que deva ser suscitado artificialmente, mas sim, deve ser intrínseco e relativo às capacidades da criança.

Os conteúdos e atividades devem ser organizados integrando áreas do conhecimento ao redor da criança. É papel do professor como colaborador na construção do conhecimento.

Sabemos que a leitura é muito mais do que um processo perceptivo, que nele está envolvido tudo que o indivíduo sabe sobre o mundo e sobre a linguagem. Sabemos também

que a escrita não pode ser confundida com um desenho de letras, que a criança diferencia desde muito cedo, a escrita do desenho, e que essa diferenciação é essencial para que ela possa propor novos problemas sobre o sistema da escrita.

A maior parte dos problemas de fala e escrita estão ligados ao fenômeno da variação lingüística. Através do modo de falar de cada um, revela-se o meio social do indivíduo e grupos sociais, ficando definido o lugar de cada um na sociedade.

A criança que se inicia na alfabetização já é um falante capaz de entender e falar a língua portuguesa com desembaraço e precisão nas circunstâncias de sua vida em que precisa usar a linguagem. É a linguagem uma atividade criadora e constitutiva do conhecimento e, por isso mesmo, transformadora.

É fundamental observar e considerar no processo de alfabetização, as situações e as condições em que se processam e se produzem o conhecimento escolar sobre a linguagem escrita. A aquisição e o domínio da escrita como forma de linguagem, acarreta uma crítica mudança em todo desenvolvimento cultural da criança.

A criança é um ser pensante. A aprendizagem, longe de ser o resultado de uma simples transmissão de conhecimento, implica uma verdadeira atividade de conhecimentos.

Ler é um processo complexo. Para realizar uma leitura com proeficiência, o sujeito leitor se utiliza de várias estratégias, um amplo esquema para captar e utilizar informações. No complexo processo de leitura, ainda podemos incluir um tipo de memória, a memória rasa, esta responsável por manter informações num estado de alerta, de mais acessividade. O fenômeno da leitura, por sua complexidade, deve ser estudado numa perspectiva interdisciplinar, integrando as diferentes ciências da linguagem e da comunicação.

Em todas as sociedades letradas, os que têm acesso à escrita, podem desenvolver quatro habilidades no uso da língua: falar e escrever, ouvir e ler. O certo é que, ler e escrever

são, hoje, duas práticas sociais básicas, em todas as sociedades letradas, independentemente do contingente de pessoas que as praticam.

Se por um lado falar e escrever são duas formas de manifestação de uso produtivo e criativo da língua, por outro, ouvir e ler não são simples manifestações de um uso produtivo e passivo da língua. Falar e escrever, ouvir e ler são ações igualmente a seu modo, ativas, produtivas e criativas.

A aprendizagem não se conhece como um processo linear. O progresso do conhecimento se produz através de uma contínua reorganização.

O professor assume um papel passivo como veículo em sala de aula. Seu papel consiste em transmitir com efetividade ao aluno, conteúdos previstos, reorganizados em diferentes atividades.

Se pensarmos nas situações de sala de aula, iremos ver que os professores, e a escola como um todo, levaram em conta as capacidades das crianças, consideravam que elas eram capazes, baseadas no fraco desempenho motor, na dificuldade na execução das tarefas e na desorganização das crianças.

O período da fala egocêntrica manifesta-se aproximadamente entre, três a sete anos, e seu fim coincide com o início da escolaridade, quando tem início também a instrução formal da escrita. A linguagem escrita faz parte do discurso social no contexto das sociedades letradas e da indústria cultural. levando em conta o próprio processo de elaboração sócio-histórico-cultural da escrita, suas condições e funções, hoje discurso interior e linguagem escrita interagem e se constituem.

O próprio interesse do professor em procurar formas de ajudar seu aluno a superar as dificuldades de escrita, serve como modelo indispensável na aprendizagem.

Para a aprendizagem, tão importante como as idéias das crianças são as idéias da escola e dos professores sobre o ensino e sobre o que é ler e escrever, mostrar o que as

crianças sabem e pensam sobre a leitura, a escrita e a linguagem escrita, de modo que o professor possa interpretar o que produz e, a partir daí possa interrogar-se sobre a aprendizagem e o ensino da língua escrita.

Um aspecto sobre o qual deve-se questionar é o sentido da linguagem escrita que é usada na escola. A concepção de que primeiro é a aprendizagem das letras (decifrar e transcrever), retarda, de fato, até muito tarde o manejo da escrita. A maioria das tarefas que se observou em sala de aula, são as escritas de palavras soltas ou frases convencionais; as leituras são restritas unicamente aos textos escolares.

Se queremos trabalhar com o pensamento das crianças e fazê-las aprender de modo significativo, a ter idéias e procedimentos de trabalho avançados, é imprescindível que nós, professores, pensamos e aprofundamos nossas idéias.

No entanto o que falta ao professor é instrumentos e procedimentos de trabalho muito concretos e imediatamente aplicáveis à realidade.

Sob o ponto de vista mais central da realidade humana, seria possível definir o homem como um ser que fala e não como um ser que escreve, isto não significa que a oralidade seja superior à escrita. Oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias.

Hoje, é impossível investigar oralidade e letramento sem uma referência direta ao papel dessas duas práticas na civilização contemporânea, já não se podem mais observar satisfatoriamente as semelhanças e diferenças entre fala e escrita.

A escrita seria um modo de produção discursiva para fins comunicativos e se caracterizam por sua constituição gráfica.

Sensibilizar os alfabetizandos, de uma maneira prática, funcional e experiencial, para os diversos tipos de escrita, descrição, narração e dissertação, reconhecendo como eles estão presentes no nosso cotidiano, na nossa fala de toda hora.

Escrita é desvelamento de mundo, é registro, é memória, é documento. A escrita espontânea dos alfabetizandos expressa as contradições sociais que eles vivem, enquanto escrevem organizam melhor o pensamento e o entendimento de mundo. A escrita também, pode ser emancipadora, tem uma função transformadora do social e, tem também função pragmática, função social mais imediata.

Acompanhando os alunos no desenvolvimento das atividades, observou-se que estes não conseguem resolvê-las sozinhos, por não terem domínio na ortografia, na junção das sílabas na formação de palavras, na escrita de palavras conforme a ortografia, ou seja, escrevem conforme a pronúncia. Repensando em todas as observações, pôde-se perceber que há dificuldades nos alunos em dominar o sistema ortográfico.

Percebem-se através das observações feitas em salas de aula, que os professores aplicavam atividades soltas, sem um objetivo a alcançar, a não ser a realização do trabalho pelo aluno, e que por conta disso, torna difícil a aprendizagem dos mesmos. Percebem-se também que são professores sem nenhum conhecimento na área em que atuam, esses professores precisam ser capacitados à altura para tal, para que possam repensar e rever a alfabetização como processo contínuo, rever os métodos de ensino e aceitar o erro como construtivo e ter uma formação mais sólida.

A escrita funciona como aspecto agilizador da leitura, e esta interfere para ampliar ou redefinir aquela. Não existe, portanto, um esquema mecânico em que a leitura se sobrepõe à escrita, funcionando como espécie de parâmetro de mão única para fazer alguém escrever melhor.

O professor é um organizador de experiências que possibilitam o encontro do sujeito que pensa com objeto do conhecimento da língua escrita. O professor organiza situações funcionais e significativas para estimular e facilitar a aprendizagem. É convivendo com a

escrita que o aluno entra em contato com os conflitos cognitivos e vai formulando suas hipóteses para compreendê-las.

Portanto, a aprendizagem da leitura e da escrita, deve-se dar em todas os níveis educativos em todas as áreas.

A formação do professor educador é resultado de condições históricas, é fruto de um processo de reflexão da própria prática. A comunicação escrita é derivada da norma convencional face a face, a escrita decorre da fala e é secundária em referência a esta.

### **Referências Bibliográficas**

- 1- AIZAW A, MARY Kato. O aprendizado da Leitura. São Paulo: Martins Fontes, 5ª ed. 1999.
- 2- BARBOSA, José Juvêncio. Alfabetização e Literatura. São Paulo: Ed. Cortez – 1995.
- 3- CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização e Lingüística. São Paulo: ed. Scipione, 1998.
- 4- FERREIRO, Emilia e Teberosk, Ana. Psicogênese da Língua escrita. Porto Alegre: Artes médicas, 1999.
- 5- LEMLE, Miriam. Guia Teórico do Alfabetizador. São Paulo: Ática, 2000.
- 6- PCN: Língua Portuguesa / Ministério da Educação. Secretária da Educação Fundamental. Brasília: A secretaria, 2001.
- 7- SOARES, MAGDA. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte, 1998.

### **Referências Consultadas**

- 1- CURTO, Lluís Maruny. Escrever e Ler. Porto Alegre: Artes médicas, 2000.
- 2- CITELLI, Beatriz. Produção e leitura de textos no Ensino Fundamental. São Paulo:2001.
- 3- CARVALHO, Marlene. Guia Prático do Alfabetizador. São Paulo: 1999.
- 4- FERREIRO, Emilia. Com todas as letras. São Paulo: Cortez, 1992.
- 5- FÁVERO, Leonor Lopes. Oralidade e Escrita. São Paulo:Cortez, 2003.
- 6- GERALDI, Wanderley. O texto em sala de aula. São Paulo: Ática, 1999.



## ANEXOS

Solicito por gentileza dos professores educadores na área de Educação Infantil, nas classes de alfabetização, na Escola Municipal Joaquim Valois em Fedegosos, o preenchimento com clareza do questionário abaixo o qual auxiliará no meu trabalho monográfico.

1- Como professor alfabetizador, dê seu conceito para alfabetização.

R: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

2- O que o aluno precisa saber para estar alfabetizado?

R: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

3- Para você como educador o que é alfabetizar?

R: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

4- Quais as principais modalidades que o alfabetizando precisa aprender?

R: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

5- Como alfabetizar nosso aluno para incluí-lo no mundo letrado?

R: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

6- Como deve ser o espaço alfabetizador?

R: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

7- Quais dificuldades você observa na produção escrita de seus alunos?

R: \_\_\_\_\_

8- Para você professor, o que causam essas dificuldades de escrita dos alfabetizados?

R: \_\_\_\_\_

9- Que estratégias devem ser aplicadas nas aulas de alfabetização, para estimular os alunos na produção escrita e na leitura?

R: \_\_\_\_\_

10- Como se dá o desenvolvimento da escrita de seus alunos?

R: \_\_\_\_\_

11- Em relação aos métodos do construtivismo e tradicionalismo, qual você diria mais correto? qual você aplica?

R: \_\_\_\_\_

12- Como avaliar seus alunos diante das dificuldades de escrita?

R: \_\_\_\_\_

13- Considerando “erros”, como são corrigidos em seus alunos?

R: \_\_\_\_\_

14- Que desafios são apresentados na atuação dos professores?

R: \_\_\_\_\_

15- O que podemos fazer para que a escola se torne espaço efetivo de direitos, de prazeres e de alegria para o aluno que nela encontra dificuldades de aprendizagem?

R: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

16- Seus alunos são capazes de desenvolverem suas atividades sem a sua ajuda?

R: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

17- Diga do seu ponto de vista o que é mais difícil no processo de alfabetização.

R: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

18- Leia com atenção cada alternativa abaixo assinalando corretamente:

- ( ) Alfabetização é um processo de contínua descoberta
- ( ) Alfabetização é um processo com tempo determinado na escola.
- ( ) Alfabetização é aquisição da leitura e da escrita.
- ( ) Estar alfabetizado é reconhecer o código alfabético.
- ( ) O aluno que freqüentar a escola no período de um ano está alfabetizado.
- ( ) Alfabetizado é o mesmo que letrado.
- ( ) Ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais é o mesmo que alfabetizar letrando.
- ( ) O objetivo primeiro da escola é o ensino da leitura e da escrita.